

A África não quer ser um terreno fértil para a nova Guerra Fria | Carta Semanal 44 (2022)



Châïbia Talal (Morrocos), *Mon Village, Chtouka*, 1990.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 17 de outubro, o chefe do Comando da África dos EUA (Africom), General do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, **Michael Langley, visitou o Marrocos**. Langley se reuniu com altos líderes militares marroquinos, incluindo o inspetor-geral das Forças Armadas marroquinas Belkhir El Farouk. Desde 2004, o Africom realizou seu “maior e principal exercício anual”, o **Leão Africano**, parcialmente em solo marroquino. Em junho passado, **dez países participaram do Leão Africano 2022**, com observadores de Israel (pela primeira vez) e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).



Salah Elmur (Sudão), *The Green Room*, 2019.

A visita de Langley faz parte de um esforço mais amplo dos EUA no continente africano, que documentamos em nosso dossiê n. 42 (julho de 2021), ***Defendendo nossa soberania: as bases militares dos EUA na África e o futuro da unidade africana***, uma publicação conjunta com o Grupo de Pesquisa do Movimento Socialista de

Gana. Nesse texto, escrevemos que os dois princípios importantes do pan-africanismo são a unidade política e a soberania territorial e argumentamos que “[a] presença duradoura de bases militares estrangeiras não apenas simboliza a falta de unidade e soberania; também impõe igualmente a fragmentação e subordinação dos povos e governos do continente”. Em agosto, a embaixadora dos EUA na ONU, Linda Thomas-Greenfield, viajou para Gana, Uganda e Cabo Verde. “Não estamos pedindo aos africanos que escolham entre os Estados Unidos e a Rússia”, **disse ela** antes de sua visita. Porém, acrescentou que para ela, “essa escolha seria simples”. Essa escolha, no entanto, está sendo impelida pelo Congresso dos EUA ao deliberar a Lei de Combate às Atividades Russas Malignas na África, **um projeto de lei** que propõe sancionar os Estados africanos que façam negócios com a Rússia (e poderia se estender à China no futuro).

Para entender esse desdobramento da situação, nossos amigos da **No Cold War** prepararam seu briefing n. 5, *A Otan reivindica a África como sua “vizinhança do sul”*, que analisa como a Otan começou a **desenvolver** uma visão proprietária do continente e como o governo dos EUA considera a África uma linha de frente em sua **Doutrina Monroe Global**. Esse briefing pode ser lido na íntegra abaixo e baixado aqui:

**NO COLD WAR** | Boletim N°5

# Otan reivindica a África como sua “vizinhança do sul”

Em agosto de 2022, os Estados Unidos publicaram uma **nova estratégia** de política externa voltada para a África. O documento de 17 páginas apresentava dez menções à China e à Rússia combinadas, incluindo uma promessa de “combater atividades nocivas da [República Popular da China], Rússia e outros atores estrangeiros” no continente, mas não mencionou uma única vez o termo “soberania”. Embora o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, **tenha declarado** que Washington “não ditará as escolhas da África”, os governos africanos relataram enfrentar “*bullying* paternalista” dos Estados membros da Otan para que tomassem seu lado na **guerra na Ucrânia**. À medida que as tensões globais aumentam, os EUA e seus aliados sinalizaram que veem o continente como um campo de batalha para travar sua Nova Guerra Fria contra a

China e a Rússia.



Richard Mudariki (Zimbábue), *The Passover*, 2011.

## Uma Nova Doutrina Monroe?

Em sua cúpula anual em junho, a **Otan nomeou a África**, juntamente com o Oriente Médio, como “vizinhança do sul da Otan”. Além disso, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, **referiu-se** ameaçadoramente à “influência crescente da Rússia e da China em nossa vizinhança meridional” como um “desafio”. No mês seguinte, o comandante cessante do Africom, general Stephen J Townsend, **referiu-se** à África como “flanco sul da Otan”. Esses comentários lembram perturbadoramente a atitude neocolonial adotada pela Doutrina Monroe de 1823, na qual os EUA reivindicavam a América Latina como seu “quintal”.

Essa visão paternalista da África parece ser amplamente aceita em Washington. Em abril, a Câmara dos Representantes dos EUA **aprovou** por maioria esmagadora a Lei de Combate às Atividades Malignas da

Influência Russa na África por uma votação de 415-9. O projeto de lei, que visa punir os governos africanos por não se alinharem com a política externa dos EUA na Rússia, foi **amplamente condenado** em todo o continente por desrespeitar a soberania das nações africanas, com o ministro das Relações Exteriores da África do Sul, Naledi Pandor, **chamando-o** de “absolutamente vergonhoso”.

Os esforços dos EUA e dos países ocidentais para atrair a África para seus conflitos geopolíticos levantam sérias preocupações: os EUA e a Otan armarão sua vasta presença militar no continente para alcançar seus objetivos?



Amani Bodo (DRC), *Masque à gaz*, 2020.

## Africom: Protegendo a hegemonia dos EUA e da Otan

Em 2007, os Estados Unidos **estabeleceram** seu Comando para a África (Africom) “em resposta às nossas parcerias e interesses em expansão na África”. Em apenas 15 anos, **o Africom estabeleceu** pelo menos 29 bases militares no continente como parte de uma **extensa rede** que inclui mais de 60 postos avançados e pontos de acesso em pelo menos 34 países – mais de 60% das nações do continente.

Apesar da retórica de Washington de promover a democracia e os direitos humanos na África, na realidade, **o Africom visa garantir** a hegemonia dos EUA no continente. Os objetivos declarados incluem “proteger os interesses dos EUA” e “manter a superioridade sobre os concorrentes” na África. De fato, a criação do Africom foi motivada pelas **preocupações** “alarmados pela crescente presença e influência da China na região”.

Desde o início, a Otan esteve envolvida no esforço, com a **proposta original** apresentada pelo então Comandante Supremo Aliado da Otan, James L Jones Jr. Anualmente, **o Africom realiza exercícios de treinamento** focados em melhorar a “interoperabilidade” entre militares africanos e “forças de operações especiais dos EUA e da Otan”.

A natureza destrutiva da presença militar dos EUA e da Otan na África foi exemplificada em 2011 quando – ignorando a **oposição da União Africana** – os EUA e a Otan lançaram sua intervenção militar catastrófica na Líbia para remover o governo de Muammar Gaddafi. Essa guerra de mudança de regime destruiu o país, que anteriormente tinha a **pontuação mais alta entre as nações africanas** no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU. Mais de uma década depois, as principais conquistas da intervenção na Líbia foram o retorno dos **mercados de escravos** ao país, a entrada de milhares de **combatentes estrangeiros** e a violência sem fim.

No futuro, os EUA e a Otan invocarão a “influência maligna” da China e da Rússia como justificativa para intervenções militares e mudança de regime na África?



Zemba Luzamba (DRC), *Parlementaires debout*, 2019.

## A África rejeita uma Nova Guerra Fria

Na Assembleia Geral da ONU deste ano, a União Africana rejeitou firmemente os esforços coercitivos dos EUA e dos países ocidentais para usar o continente como um peão em sua agenda geopolítica. “A África já sofreu o suficiente com o fardo da história”, **afirmou** o presidente da União Africana e presidente do Senegal Macky Sall; “não queremos ser o terreno fértil de uma nova Guerra Fria, mas sim um pólo de estabilidade e oportunidade aberto a todos os seus parceiros, numa base mutuamente benéfica”. De fato, o impulso para a guerra não oferece nada aos povos da África em sua busca pela paz, adaptação às mudanças climáticas e desenvolvimento.

Na inauguração da Academia Diplomática Europeia em 13 de outubro, o diplomata-chefe da União Europeia, **Josep Borrell**, disse que “a Europa é um jardim (...) O resto do mundo (...) é uma selva, e a selva pode invadir o jardim”. Como se a metáfora não fosse suficientemente clara, acrescentou, “os europeus têm de

se envolver muito mais com o resto do mundo. Caso contrário, o resto do mundo nos invadirá”. Os comentários racistas de Borrell foram ridicularizados nas redes sociais e **eviscerados** no Parlamento Europeu por Marc Botenga, do Partido dos Trabalhadores Belgas, e uma **petição do Movimento Democracia na Europa** (DiEM25) pedindo a renúncia de Borrell, que recebeu mais de 10 mil assinaturas. A falta de conhecimento histórico de Borrell é significativa: são a Europa e a América do Norte que continuam a invadir o continente africano, e são essas invasões militares e econômicas que **fazem os africanos migrarem**. Como disse o Presidente Sall, a África não quer ser um “terreno de cultivo de uma nova Guerra Fria”, mas um lugar soberano de dignidade.

Cordialmente,

Vijay.